

NICHOLAS SPARKS

*UM MOMENTO
INESQUECÍVEL*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

ASA

PRÓLOGO

Quando tinha dezassete anos, a minha vida mudou para sempre.

Sei que há pessoas que se interrogam a meu respeito quando digo isto. Olham para mim de uma maneira estranha, como que a tentar adivinhar o que poderia ter acontecido naquela altura, embora eu raras vezes me dê ao trabalho de explicar. Porque vivi aqui a maior parte da minha vida, não sinto que tenha de o fazer exceto nos meus próprios termos, e isso demoraria mais tempo do que a maior parte das pessoas está disposta a conceder-me. A minha história não pode ser resumida em duas ou três frases; não pode ser compactada em qualquer coisa clara e simples que as pessoas compreendam de imediato. Apesar de terem passado quatro décadas, os que ainda aqui vivem e me conheceram naquele ano aceitam sem questionar esta ausência de explicação. A minha história é de certa maneira a história deles, porque é uma coisa por que todos nós passámos.

Eu fui, no entanto, o que estive mais perto.

Tenho cinquenta e sete anos, mas ainda hoje me lembro de tudo o que aconteceu naquele ano, até ao mais pequeno pormenor. Recordo muitas vezes aqueles dias, revivo-os, e apercebo-me de que sempre que o faço sinto uma estranha combinação de tristeza e alegria. Há momentos em que desejo poder fazer o relógio andar para trás e tirar toda a tristeza, mas tenho a sensação de que se o fizesse a alegria desapareceria também. Por isso aceito as recordações tal como são, inteiras, e deixo-as guiar-me sempre que posso. Acontece-me com mais frequência do que deixo transparecer.

Estamos a 12 de abril, no último ano antes do milénio, e quando saio de casa olho em redor. O céu está carregado e cinzento, mas enquanto desço a rua apercebo-me de que os cornisos e as azáleas estão a florescer. Aperto um pouco mais o fecho do blusão. Está frio, mas eu sei que é apenas uma questão de semanas antes que a temperatura assente em níveis confortáveis e os céus cinzentos deem lugar ao género de dias que fazem da Carolina do Norte um dos lugares mais bonitos do mundo.

Com um suspiro, sinto as recordações invadirem-me. Fecho os olhos e os anos começam a andar para trás, invertendo a sua marcha como os ponteiros de um relógio a girar na direção errada. Como que através dos olhos de outra pessoa, vejo-me ficar cada vez mais novo, vejo os meus cabelos passarem de grisalhos a castanhos, as rugas à volta dos meus olhos começarem a desaparecer, os meus braços e pernas tornarem-se de novo robustos e ágeis. As lições que aprendi com a idade esbatem-se, e a minha inocência regressa à medida que aquele momentoso ano se aproxima.

Então, como eu, o mundo começa a mudar: as ruas estreitam-se e algumas cobrem-se de saibro, os sossegados subúrbios são substituídos por terrenos agrícolas, as ruas da Baixa fervilham de pessoas que olham para as montras quando passam pela Sweeney's, a padaria, ou pelo Palka's, o talho. Os homens usam chapéu, as mulheres usam vestidos. Na torre do edifício do tribunal, no topo da rua, o sino toca...

Abro os olhos e detenho-me. Estou em frente da igreja batista, e quando olho para o frontão, sei exatamente quem sou.

Chamo-me Landon Carter e tenho dezassete anos.

Esta é a minha história; prometo não deixar nada de fora.

Primeiro vão sorrir, e depois vão chorar... Não digam que não os avisei.

CAPÍTULO 1

Em 1958, Beaufort, que fica situada na costa perto de Morehead City, na Carolina do Norte, era um lugar igual a tantas outras povoações do Sul. O género de lugar onde a taxa de humidade atingia níveis tão altos que sair de casa para ir buscar o correio fazia uma pessoa sentir que estava a precisar de um duche e as crianças andavam descalças de abril a outubro sob as árvores vestidas de barbas-de-velho. As pessoas acenavam dos carros quando viam alguém na rua, quer nos conhecessem ou não, e o ar cheirava a pinheiros, a sal e a mar, um cheiro exclusivo das Carolinas. Para muitos dos habitantes, pescar no Pamlico Sound ou apanhar caranguejos no rio Neuse era um modo de vida, e havia barcos amarrados onde quer que a Intracostal Waterway fosse visível. A televisão tinha só três canais, embora a televisão não fosse muito importante para nós, os que ali tínhamos crescido. Em vez disso, as nossas vidas giravam em torno das igrejas, das quais havia dezoito só dentro dos limites da cidade. Tinham

nomes como Igreja da Agremiação da Fraternidade Cristã, Igreja dos Perdoados, Igreja da Expição Dominical, e depois, claro, havia as igrejas batistas. Na minha meninice, eram de longe as mais populares, e havia uma em praticamente cada esquina, embora todas elas se considerassem superiores às demais. Havia igrejas batistas dos mais variados géneros – Batistas do Livre-Arbítrio, Batistas do Sul, Batistas Congregacionais, Batistas Missionários, Batistas Independentes... bem, estão a ver o panorama.

Naquele tempo, o grande acontecimento do ano era organizado pela igreja batista da Baixa – a dos Batistas do Sul, caso estejam interessados – em conjunto com o liceu local. Todos os anos apresentavam um espetáculo de Natal no Beaufort Playhouse. O espetáculo era na realidade uma peça escrita por Hegbert Sullivan, um ministro que estava com a igreja desde que Moisés separou as águas do mar Vermelho. Bom, talvez não fosse assim tão velho, mas era suficientemente velho para ter uma pele quase transparente. Estava sempre assim como que pegajosa e era translúcida – havia miúdos que juravam que viam o sangue correr-lhe nas veias – e tinha uns cabelos tão brancos como os coelhos que é costume ver nas montras das lojas de animais de estimação por altura da Páscoa.

Bom, seja como for, tinha escrito uma peça chamada *O Anjo do Natal*, isto porque não queria continuar a apresentar esse velho clássico do Charles Dickens, *Um Conto de Natal*. No seu entender, Scrooge era um pagão que só chegara à redenção por ter visto fantasmas, não anjos – e quem poderia afirmar que tinham sido enviados por Deus, de todos os modos? E quem podia afirmar que ele não voltaria aos seus

hábitos pecaminosos se os tais fantasmas não tivessem sido enviados diretamente do Céu? O final da peça não o dizia de uma maneira clara e explícita – joga com questões de fé e tudo isso –, mas o velho Hegbert não confiava em fantasmas que não tivessem sido inequivocamente enviados por Deus, o que não era dito em palavras simples e de forma que não deixasse margem para dúvidas, e era esse o seu grande problema. Anos antes, tinha alterado o final da peça – acrescentara-lhe a sua própria versão, em que o velho Scrooge se tornava um pregador e partia para Jerusalém para procurar o lugar onde Jesus em tempos ensinara os escribas. Aquilo não caíra muito bem – nem sequer no seio da congregação, cujos membros tinham ficado a olhar boquiabertos para o espetáculo – e o jornal dissera coisas como «Embora fosse sem dúvida interessante, não foi exatamente a peça que todos conhecemos e amamos...».

Por isso o Hegbert decidira tentar escrever a sua própria peça. Toda a vida tinha escrito os seus sermões, e alguns deles, tínhamos de o admitir, até eram interessantes, sobretudo quando falava da «ira de Deus a abater-se sobre os fornicadores» e todas essas coisas boas. Era um tema que lhe fazia ferver o sangue a sério, digo-lhes eu. O seu verdadeiro ponto quente. Quando éramos mais novos, eu e os meus amigos escondíamos-nos atrás das árvores e gritávamos «O Hegbert é um fornicador!» quando o víamos descer a rua, e ríamos como uns idiotas, como se fôssemos as criaturas mais espirituosas que alguma vez tinham habitado o planeta.

O velho Hegbert parava e arrebitava as orelhas – juro, mexia mesmo as orelhas –, e então punha-se muito vermelho, como se tivesse bebido gasolina, e as grandes veias esverdeadas

do pescoço começavam a sobressair por todo o lado, como esses mapas do rio Amazonas que aparecem na *National Geographic*. Espreitava para um lado e para o outro, os olhos reduzidos a duas frestas, a procurar-nos, e então, tão de repente como se tinha posto vermelho, começava a empalidecer outra vez, a voltar àquela pele de peixe mesmo diante dos nossos olhos. Céus, era uma coisa digna de ser vista, sem a mínima dúvida.

Portanto, estávamos escondidos atrás de uma árvore e o velho Hegbert (que espécie de pais chamam ao filho Hegbert, pelo amor de Deus?) ficava ali especado à espera que nos mostrássemos, como se achasse que éramos assim tão estúpidos. Nós tapávamos a boca com a mão para abafar as gargalhadas, mas, sei lá como, ele descobria-nos sempre. Rodava para a esquerda e para a direita, e então parava, aqueles olhos que pareciam contas fixos em nós, através da árvore. «Sei quem tu és, Landon Carter», dizia, «e o Senhor também sabe». Esperava um ou dois minutos, a deixar aquilo fazer efeito, e então ia-se finalmente embora, e durante o sermão, no fim de semana, olhava diretamente para nós e dizia qualquer coisa no género «Deus é misericordioso para com as crianças, mas também é preciso que as crianças o mereçam». E nós enfiávamo-nos pelo banco abaixo, não por vergonha mas para esconder um novo ataque de riso. O Hegbert não nos compreendia, o que era assim estranho, considerando que era pai e tudo. Mas também é verdade que era uma rapariga. Hei de voltar a este assunto, mais adiante.

De todos os modos, como eu disse, o velho Hegbert escreveu *O Anjo do Natal* e, nesse ano, resolveu apresentar essa peça em vez da outra. A peça em si até nem era má, o que

surpreendeu toda a gente da primeira vez que foi representada. É basicamente a história de um homem que perdeu a mulher uns anos antes. Esse sujeito, chamado Tom Thornton, costumava ser muito religioso, mas tem uma crise de fé quando a mulher morre de parto. Está a criar a filha sozinho, mas não tem sido o melhor dos pais, e o que a menina quer mesmo pelo Natal é uma caixinha de música especial com um anjo gravado na tampa, igual à da fotografia que cortou de um velho catálogo. Tom farta-se de procurar a prenda em todo o lado, mas não consegue encontrá-la em parte nenhuma. Por isso é Véspera de Natal e ele continua a procurar, e quando anda pelas lojas encontra uma estranha mulher que nunca tinha visto, e ela promete ajudá-lo a encontrar a prenda para a filha. Mas antes ajudam uma pessoa sem-abrigo (na altura chamavam-se vadios, a propósito), depois passam por um orfanato para falar com uns miúdos, e depois visitam uma velhota que vive sozinha e só queria um pouco de companhia na Véspera de Natal. Neste ponto, a misteriosa mulher pergunta ao Tom Thornton o que quer pelo Natal, e ele diz que quer a mulher de volta. Ela leva-o até à fonte da povoação e diz-lhe que olhe para a água e que lá verá o que procura. Quando ele olha para a água, vê a cara da filha, e vai-se abaixo e põe-se a chorar ali mesmo. Enquanto ele chora, a senhora misteriosa vai-se embora, e ele procura-a por todo o lado mas não a encontra. Acaba por voltar a casa, a remoer as lições daquela noite. Entra no quarto da filha, e a sua figura adormecida fá-lo compreender que ela é tudo o que lhe resta da mulher, e começa outra vez a chorar porque sabe que não foi um pai muito bom para ela. No dia seguinte, por magia, a caixinha de música está debaixo da árvore, e o anjo

gravado na tampa é igualzinho à mulher que ele viu na noite anterior.

Por isso não era assim tão má. Para dizer a verdade, as pessoas fartavam-se de chorar quando a viam. Todos os anos, quando era representada, a peça esgotava a lotação, de modo que, devido à sua popularidade, o Hegbert acabou por mudá-la da igreja para o Beaufort Playhouse, que tinha muitos mais lugares. Quando eu estava no último ano do liceu, havia duas representações, sempre com casa cheia, o que, considerando quem a representava, era em si mesmo uma história.

É que o Hegbert queria gente nova a desempenhar os papéis – finalistas do liceu, não o grupo do teatro. Penso que achava que seria uma boa experiência de aprendizagem antes de os finalistas irem para a universidade e se encontrarem cara a cara com todos aqueles fornicadores. Era esse género de pessoa, vocês sabem, sempre a querer proteger-nos da tentação. Queria que soubéssemos que Deus estava lá em cima, a vigiar-nos, mesmo quando estávamos longe de casa, e que se confiássemos em Deus, no fim acabaria tudo bem. Era uma lição que eu havia de aprender a seu tempo, apesar de não ter sido o velho Hegbert a ensinar-ma.

Como já disse, Beaufort era uma típica pequena cidade do Sul, apesar de ter uma história interessante. Barba Negra, o pirata, teve cá uma casa e o seu navio, o *Queen Anne's Revenge*, é suposto estar enterrado algures na areia do fundo, ao largo da costa. Recentemente, uns arqueólogos, ou oceanógrafos, ou seja lá como se chamam as pessoas que procuram essas coisas, disseram que o tinham encontrado, mas por

enquanto ainda ninguém tem a certeza, considerando que se afundou há mais de 250 anos e não se pode exatamente enfiar a mão no porta-luvas e ver o livrete. Beaufort progrediu muito desde os anos 1950, mas ainda não é bem uma grande metrópole, nem nada disso. Era, e sempre será, para o pequeno, mas quando eu era novo mal merecia um lugar no mapa. Para lhes dar uma ideia, o distrito congressional que incluía Beaufort cobria toda a parte oriental do estado – cerca de cinquenta e dois mil quilómetros quadrados – e não tinha uma única cidade com mais de vinte e cinco mil habitantes. Mesmo comparada com essas terras, Beaufort era considerada pequena. Tudo o que ficava a leste de Raleigh e a norte de Wilmington, até à fronteira da Virgínia, era o distrito que o meu pai representava.

Suponho que já ouviram falar dele. É assim uma espécie de lenda, ainda hoje. Chama-se Worth Carter e foi congressista durante quase trinta anos. O seu *slogan* em todos os anos de eleições era «Worth Carter representa _____», e era suposto a pessoa escrever no espaço em branco o nome da cidade onde vivia. Nas viagens que eu e a minha mãe fazíamos para aparecer às pessoas e mostrar-lhes que ele era um verdadeiro homem de família, lembro-me de ver aquelas tiras coladas nos para-choques dos carros com nomes como Otwar e Chocawinity e Seven Springs acrescentados à mão. Hoje em dia, uma coisa assim nunca pegaria, mas na altura era publicidade bastante sofisticada. Calculo que se tentasse fazê-lo agora as pessoas que fossem contra ele haviam de escrever as maiores obscenidades no espaço em branco, mas nunca vimos isso acontecer nem uma única vez. Pronto, talvez uma vez. Um agricultor de Duplin County escreveu uma vez *uma merda*

no espaço em branco, e quando a minha mãe viu aquilo tapou-me os olhos com uma mão e rezou uma oração a pedir a Deus que perdoasse ao pobre e ignorante filho da mãe. Não disse exatamente estas palavras, mas eu apanhei a ideia.

Portanto o meu pai, o senhor congressista, era uma pessoa importante, e toda a gente o sabia, incluindo o velho Hegbert. Ora bem, os dois não se davam bem, nem um bocadinho, apesar de o meu pai ir à igreja do Hegbert sempre que estava na cidade, o que, para ser franco, não acontecia muitas vezes. Além da sua convicção de que os fornicadores estavam destinados a limpar os urinóis no Inferno, o Hegbert também acreditava que o comunismo era «uma doença que condenava a humanidade ao paganismo». Apesar de a maior parte da congregação não saber muito bem o que era o paganismo, todos sabiam o que ele queria dizer. E também sabiam que aquelas palavras eram dirigidas especificamente ao meu pai, que ficava ali sentado de olhos fechados e fingia não ouvir. O meu pai fazia parte de uma das comissões do Congresso que tinham por missão vigiar a «influência vermelha» que estava, dizia-se, a infiltrar todos os aspetos da vida do país, incluindo a defesa nacional, a educação superior e até o cultivo de tabaco. É preciso não esquecer que isto se passava durante a Guerra Fria; a tensão era muita e as pessoas do Norte da Carolina precisavam de qualquer coisa que a fizesse descer para um nível mais pessoal. O meu pai teimava em procurar factos, que eram irrelevantes para as pessoas como o velho Hegbert.

Mais tarde, quando voltávamos a casa depois do serviço, o meu pai dizia qualquer coisa no género: «Hoje o reverendo Sullivan estava em excelente forma. Espero que tenham

ouvido aquela parte a respeito das Escrituras em que Jesus fala dos pobres...»

Sim, pois, pai...

Sempre que possível, o meu pai tentava desarmar as situações. Penso que foi por isso que se aguentou tanto tempo no Congresso. Era capaz de beijar os bebês mais feios à face da Terra e mesmo assim arranjar qualquer coisa simpática para dizer. «É uma criança tão sossegada», dizia quando um bebê tinha uma cabeça gigante, ou, «Aposto que é a menina mais meiga do mundo» se a menina em questão tinha um sinal de nascença que lhe cobria a cara toda. Certa vez, uma senhora mostrou-lhe um miúdo numa cadeira de rodas. O meu pai olhou para ele e disse: «Aposto dez contra um em como és o melhor aluno da tua turma.» E era! Sim, o meu pai era ótimo neste género de coisas. Capaz de bater-se com os melhores, isso de certeza. E não era mau tipo, a sério, sobretudo considerando o facto de nunca me bater, nem nada disso.

Mas não estive presente enquanto eu crescia. Detesto dizer isto porque hoje em dia as pessoas vêm sempre com esta história mesmo quando os pais *estiveram* presentes e usam-na para justificar o seu comportamento. *O meu pai... não me amava... e foi por isso que me tornei stripper e apareci no The Jerry Springer Show...* Não, não vou usar isso para desculpar a pessoa em que me tornei, só estou a declarar um facto. O meu pai passava nove meses por ano fora de casa, a viver num apartamento em Washington, D.C., a quatrocentos e oitenta quilómetros de distância. A minha mãe não ia com ele porque ambos queriam que eu crescesse «da mesma maneira que eles tinham crescido».

O pai do meu pai, claro, levava-o à caça e à pesca, ensinou-o a jogar à bola e aparecia nas festas de anos, todas essas pequenas coisas que juntas contam muito antes da idade adulta. O meu pai, pelo contrário, era um estranho, alguém que eu mal conhecia. Durante os primeiros cinco anos da minha vida, pensei que todos os pais viviam algures longe de casa. Foi só quando o meu melhor amigo, o Eric Hunter, me perguntou quem era o sujeito que tinha aparecido lá em casa na noite anterior que percebi que havia ali qualquer coisa que não estava muito bem.

– É o meu pai – respondi, todo orgulhoso.

– Oh – disse o Eric, enquanto remexia na minha lancheira à procura do *Milky Way*. – Não sabia que tinhas pai.

Venham-me cá falar de qualquer coisa a bater-nos em cheio na cara.

Portanto, cresci sob os cuidados da minha mãe. Ora bem, a minha mãe era uma excelente senhora, gentil e meiga, o género de mãe que a maior parte das pessoas sonha ter. Mas não foi, nem nunca podia ter sido, uma influência masculina na minha vida, e este facto, somado ao meu crescente descontentamento em relação ao meu pai, fez-me tornar-me assim uma espécie de rebelde, ainda muito novo. Eu e os meus amigos podíamos andar pela rua às tantas da noite e ensaboar para-brisas dos automóveis ou comer amendoins cozidos no cemitério atrás da igreja, mas, nos anos 50, isso era o género de coisa que fazia os outros pais abanar a cabeça e murmurar aos filhos: «Não queiras ser como o Carter. Está mesmo na calha para a prisão.»

Eu. Um rapaz mau. Por comer amendoins cozidos no cemitério. Vá-se lá perceber as pessoas.

Seja como for, o meu pai e o Hegbert não se davam bem, mas não era só por causa da política. Não, parece que a história entre os dois vinha muito de trás. O Hegbert era cerca de vinte anos mais velho do que o meu pai, e antes de ser ministro tinha trabalhado para o pai do meu pai. O meu avô – apesar de passar montes de tempo com o meu pai – era um filho da mãe dos piores. Foi ele, a propósito, que construiu a fortuna da família, mas não quero que o imaginem como o género de homem que se dedicava ao seu negócio, trabalhando com diligência e vendo-o crescer e prosperar pouco a pouco com o passar do tempo. A maneira como ganhara o seu dinheiro fora simples: começara como contrabandista de álcool, enriquecendo durante a Lei Seca a trazer rum de Cuba. Depois começara a comprar terra e a contratar meeiros para a trabalhar. Ficava com 90% do que os meeiros ganhavam a cultivar tabaco e então, quando eles precisavam, emprestava-lhes dinheiro a taxas de juro ridículas. Claro que a intenção nunca era receber o dinheiro; em vez disso, ficava-lhes com as terras e com quaisquer equipamentos que pudessem ter. Então, naquilo a que chamava o «seu momento de inspiração», criara um banco a que chamara Carter Banking and Loan. O único outro banco num raio de dois condados tinha ardido misteriosamente e, com o início da Depressão, nunca voltara a abrir. Apesar de toda a gente saber o que tinha na verdade acontecido, ninguém dizia uma palavra, com medo de represálias, e aquele medo tinha fundadas razões para existir. O banco não fora o único edifício a arder de uma maneira misteriosa.

As taxas de juro que praticava eram exorbitantes e, pouco a pouco, começara a acumular terra e propriedades, à medida

que as pessoas deixavam de conseguir pagar os empréstimos. No auge da Depressão, executara as hipotecas de dezenas de empresas por todo o condado, conservando os antigos proprietários a trabalhar nelas como seus empregados, pagando-lhes apenas o suficiente para os manter onde estavam, porque não tinham mais sítio nenhum para onde ir. Dizia que quando a economia melhorasse voltaria a vender-lhes as empresas, e as pessoas acreditavam sempre.

Nem uma única vez, no entanto, cumpriu a promessa. No fim, controlava uma grande parte da economia do condado, e abusava do seu poder de todas as maneiras possíveis.

Gostaria de poder dizer-lhes que acabou por ter uma morte horrível, mas não foi o que aconteceu. Morreu muito velho, a dormir com a amante no seu iate ao largo das ilhas Caimão. Tinha sobrevivido às duas mulheres e ao seu único filho. Que fim para um tipo daqueles, eh? A vida, como descobri, nunca é justa. Se há coisa que deviam ensinar na escola, é isto.

Mas voltemos à história... Quando descobrira o filho da mãe que o meu avô na verdade era, o Hegbert deixara de trabalhar para ele e fora estudar para ministro, e então voltara a Beaufort e iniciara o seu ministério na mesma igreja que nós frequentávamos. Passara os primeiros anos a aperfeiçoar o seu número do fogo do Inferno com sermões mensais sobre os malefícios da ganância, o que lhe deixava muito pouco tempo para qualquer outra coisa. Já tinha quarenta e três anos quando casara, e cinquenta e cinco quando a filha, a Jamie Sullivan, nascera. A mulher, uma coisinha pequena vinte anos mais nova do que ele, passara por seis abortos espontâneos antes de a Jamie nascer, e no fim morrera

de parto, fazendo do Hegbert um viúvo que tinha de criar a filha sozinho.

Daí, claro, a história por detrás da peça.

As pessoas já conheciam a história mesmo antes de a peça ter sido representada pela primeira vez. Era uma dessas histórias que corriam sempre que o Hegbert tinha de batizar um bebé ou fazer um funeral. Toda a gente sabia, e era por isso, acho eu, que tantos se emocionavam sempre que viam a peça de Natal. Sabiam que se baseava numa coisa que tinha acontecido na vida real, o que lhe dava um significado especial.

A Jamie Sullivan era finalista no liceu, tal como eu, e já tinha sido escolhida para fazer o anjo, não que mais alguém tivesse a mais pequena hipótese. O que, claro, tornava a peça extraespecial naquele ano. Ia ser uma coisa em grande, talvez a maior de sempre – pelo menos na mente de Miss Garber. Miss Garber era a professora de Teatro e já toda ela se entusiasmava com as expectativas da primeira vez que a vi na sala de aula.

Ora bem, eu não tinha verdadeiramente planeado fazer Teatro naquele ano. Não tinha mesmo, mas era isso ou Química II. O que aconteceu foi que pensei que ia ser uma matéria fácil, sobretudo se comparada com a outra opção. Nem trabalhos, nem testes, nem tabelas em que teria de decorar prótons e neutrões e combinar elementos nas devidas fórmulas... o que poderia ser melhor para um finalista do liceu? Parecia garantido, e quando me matriculei pensei que ia poder dormir durante a maior parte das aulas, o que, tendo em conta as minhas atividades noturnas no cemitério, representava na altura uma vantagem considerável.

No primeiro dia de aulas, fui dos últimos a chegar, entrando segundos antes do toque da campainha, e escolhi um lugar ao fundo da sala. Miss Garber estava de costas voltadas para a turma, atarefada a escrever o seu nome no quadro com grandes letras desenhadas, como se nós não soubéssemos quem ela era. Toda a gente a conhecia, era impossível não a conhecer. Era alta, pelo menos um metro e oitenta oito, com uns flamejantes cabelos ruivos e uma pele muito clara que destacava as sardas apesar de ir já bem entrada nos quarenta. Era também para o pesado – diria com toda a honestidade que devia rondar os cento e quinze quilos – e gostava de usar vestidos compridos e largos com padrões florais. Tinha uns óculos grossos, escuros, com armações de tartaruga e cumprimentava toda a gente com um «Oláaaaa», assim como que a cantar a última sílaba. Miss Garber era única, isso de certeza, e era solteira, o que tornava tudo ainda pior. Nenhum homem, por muito velho que fosse, podia deixar de ter pena de uma rapariga como ela.

Por baixo do nome, escreveu os objetivos que tencionava alcançar naquele ano. «Autoconfiança» era o primeiro, seguido por «Autoconsciência» e «Autorrealização». Miss Garber adorava aquilo do «auto» qualquer coisa, o que a colocava bem à frente no que respeita a psicoterapia, apesar de provavelmente ela na altura não dar por isso. Miss Garber era uma pioneira naquela área. Talvez tivesse a ver com o seu aspeto físico; talvez estivesse só a tentar sentir-se melhor em relação a si mesma.

Mas estou a divagar.

Foi só depois de a aula começar que reparei numa coisa estranha. Apesar de a Beaufort High School não ser muito